ARTE E CULTURA NO ENSINO PÚBLICO

RENATA DECIENI

RESUMO

Este estudo destaca a relevância das artes visuais na educação das crianças, com ênfase no desenho, por considerar o desenho um importante recurso pedagógico que aponta como a criança pensa, vê e imagina o mundo ao seu redor e se ela tem restrições na área cognitiva. Como existem muitos educadores que desconhecem o grafismo infantil, representando isso um problema, este artigo poderá contribuir para torná-los melhor informados e capazes de promoverem uma intervenção pedagógica na educação da criança, facilitando o desenvolvimento do seu desenho. Atualmente sabe-se que, desde o nascimento até a morte a arte pode influenciar positivamente na saúde, sendo uma das formas mais simples para se colocar cultura de uma maneira agradável, transformando os conceitos e os padrões do indivíduo, deixando-o aberto para o novo. Contudo, devese incluir a escola, como um espaço onde se possa desenvolver as capacidades criativas, estimar as diversidades e proporcionar novos horizontes. Entretanto, para que isso aconteça, deve-se valorizar o papel da arte na educação, assim todos acabam compreendendo a sua importância para a vida dos seres humanos e, com isto, é possível realizar um trabalho em conjunto e soma-se a preparação dos professores e a adequação das escolas para perceber e utilizar essa nova visão de trabalho das linguagens artísticas.

Palavras-chave: Artes; Escolas; Ensino Público

INTRODUÇÃO

Atualmente, de acordo com o estudos, desde o nascimento até a morte, a arte pode influenciar positivamente na saúde, como é possível observar no relatório que relata que crianças pequenas com pais que têm o hábito de ler histórias antes de dormir, estas crianças, por sua vez, conseguem descansam muito mais durante a noite e têm uma melhor concentração na sala de aula. Já entre os jovens que convivem em áreas urbanas, a educação baseada na dramaturgia pode auxiliar na tomada de decisões responsáveis e ao mesmo tempo melhorar o bem-estar e com isto, reduzir o nível de exposição à violência. Entretanto, em outra etapa da vida, a música pode amparar a cognição em indivíduos com demência, e até mesmo, observando que no exercício do canto é possível melhorar a atenção, ativar a memória episódica e a também a função executiva

(ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NEWS, 2020).

O objetivo desta pesquisa é mostrar que a criança necessita experimentar, vivenciar e brincar para adquirir conhecimentos que futuramente lhe ajudará a desenvolver de maneira mais eficiente um aprendizado formal, e a arte e a cultura brasileira faz isso. Através das brincadeiras a criança acaba explorando o mundo a sua volta livremente, pois é a partir daí que ela constrói seu aprendizado, e é nesse espaço que a criança acaba criando um mundo de fantasias e manifesta seus sentimentos, se sentindo cada vez mais segura para interagir. Toda teoria necessita, primeiro, de uma conceituação.

Outra importante contribuição é o que Pires et al (2009, p. 561) trazem sobre a temática. Para estes autores, há de se buscar as seguintes ideias de outros pensadores: Em Platão, vê-se um ambiente propício para pensá-la pelo viés da reflexão não propriamente da arte, mas do belo, das ideias e do ideal. Na Estética de Hegel ela aparece como fenômeno ligado à história e ao sintoma da vida contínua, obstinada, do espírito, indicando aí o seu desenvolvimento. Nietzsche, acerca do Nascimento da Tragédia, a enxerga como potência da própria vida, entrelaçada pelo delírio dionisíaco e pela beleza apolínea, eivada de embriaguez da alma. Aristóteles nos fala da arte da mimesis, em sentido de metáfora da vida, com finalidades do prazer e do deleite estético. Em busca de alguns paradoxos fundadores da arte. Kant propõe quatro momentos do julgamento estético, quais sejam: a satisfação desinteressada, a subjetividade universal, a finalidade sem fim e a necessidade livre.

A meta desta pesquisa é conhecer como se entrelaçam as diferentes maneiras de enxergar e combinar possibilidades de intervenção educativa no processo de inclusão do deficiente intelectual e entender em que medida ocorre ou não a efetivação das novas diretrizes do ensino básico brasileiro. Tendo como objetivo a Arte Como Meio de Socialização e Inclusão do Indivíduo, garantindo o direito de todos alunos a participação das atividades escolares, promovendo a interação, a socialização e inclusão do alunado.

Em contrapartida, é possível afirmar que por meio da arte é plausível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio em que se vive e habita, podendo assim, desenvolver a capacidade crítica permitindo analisar a realidade percebida e alargar a criatividade de maneira a modificar a realidade que foi analisada e, por sua vez, através das artes temos um perfil simbólico dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que propiciam vida a sociedade, juntamente com o seu estilo de vida, o seu código de valores, as suas memórias e as suas crenças. Sendo assim, pode-se entender a arte como uma elocução que representa os sentidos, comunica significados que não podem ser enviados através de nenhum outro meio de expressão (BARBOSA & COUTINHO, 2009).

A Arte é relevante pois pode favorecer e responder às necessidades com deficiência, com propostas metodológicas através da Arte, na perspectiva de fomentar a construção de práticas educativas, que possibilitam a diversificação e a ampliação do alcance da ação pedagógica, propondo situações assistidas e medidas, voltadas para a superação das limitações, considerando as possibilidades e potencialidades como condição para o desenvolvimento. Esta pesquisa tem como método referencial bibliográfico de cunho qualitativo descritivo, com reflexão argumentativa com base na temática apresentada um estudo bibliográfico.

Entretanto, as pessoas que são excluídas tendem a aceitar a sua condição em relação à sociedade, e tem medo de lutar e de ir em busca de novas possibilidades Contudo, em muitos casos o medo de uma forma nova de pensar e agir é capaz de levá-las a continuar da mesma forma, crendo que a arte e o fazer artístico seja somente para os mais abastados (FREIRE, 2005).

Apesar disto, é de grande importância de uma educação voltada para o fazer artístico, ponderando o mundo da visualidade atual e as várias facetas da arte e, desse modo, proporcionando o aumento e enriquecimento das bagagens sensoriais e cognitivas, penetrando nos modos de ver, notar, divulgar e noticiar por meio de imagens, sons, percepções e movimentos corporais, e além disso, grande parte das pessoas tem o primeiro contato com a arte na escola, nas aulas de arte, e o eu pode-se esperar é que os alunos durante essas aulas, vivam profundamente o procedimento artístico, concomitantemente, espera-se que aprendam sobre os artistas e obras de arte de diversas épocas, enriquecendo, seus conhecimentos (PORTAL EDUCAÇÃO, 2020).

ARTE E A COMUNICAÇÃO

A concepção de arte está atrelada à história do homem e consequentemente do mundo, contudo abrange outros contextos, e é por si só fundamentalmente imutável, como, por exemplo, se acaso recua-se alguns anos no tempo e se avalia como a arte era percebida antigamente, ou seja, buscar a compreensão de como a arte viria a ser compreendida pelos ancestrais (SANTOS, 2006).

Possivelmente, na ocasião, fosse inimaginável se pensar em uma arte digital, ou mesmo na produção de uma ciberarte, que consiste na manipulação das novas tecnologias e mídias atuais para a construção de objetos artísticos. Porém, presentemente o uso de artifícios tecnológicos no fazer artístico é imprescindível para se tratar da arte de uma forma mais ampla. Além disto, tudo passa pelas tecnologias e a humanidade está marcada pelos desafios políticos, econômicos e sociais decorrentes de uma nova configuração da realidade, que por sua vez, une os campos da atividade humana, através da utilização intensa das redes de comunicação e da informação computadorizada em si (SANTOS, 2006).

Diante disto, quando se lida com as formas em artes visuais habitua-se com as relações entre superfície, espaço, volume, linhas, cores e a luz. Cada uma dessas informações tem suas propriedades expressivas e são ricos em sentidos, tanto em si mesmo como em relação aos demais. E todos eles são interpelados pelos autores e observadores ao se utilizarem de métodos e técnicas específicas no fazer artístico (PORTAL EDUCAÇÃO, 2020).

O DESENHO E SEUS SIGNIFICADOS

Segundo Costa (1996, p. 2), como é bem difícil para a criança conseguir expressar em palavras seus sentimentos mais profundos, quando está triste ou agressiva; ela o faz quando desenha, extravasando-os bem. Assim, ela "coloca para fora" tudo que está sentindo, por meio dos traços e cores, que sabe expressar muito bem.

A superfície do papel torna-se cúmplice e deixa-se cobrir com imagens

espontâneas e sinceras. "Falar" fica mais fácil sem a emissão de palavras. O registro pelo desenho não teme represálias, a necessidade de expressar ignora as consequências, pois é o suporte que mostra as imagens, assim como é a boca que narra os fatos. E estando o suporte separado do corpo, é melhor que ele conte a história e isso, de certa forma, exime o desenhista de maiores responsabilidades (COSTA, 1996, p. 2).

Ao desenhar, a criança consegue exteriorizar suas alegrias e dores, superar seus traumas, numa espécie de "grito gráfico". Ela desabafa as angústias que sua realidade lhe impõe, especialmente quando os adultos não alcançam o nível de seus sentimentos (COSTA, 1996, p. 2).

A liberdade experimentada por meio do desenho eleva e enleva o pequeno ser, que se compenetra e busca as imagens nos íntimos segredos. Confronta-se consigo mesmo e se compreende, em cada traço, em cada cor impressa, nessa aventura silenciosa e estimulante (DI LEO, 1985, p. 57).

Por meio do desenho, a criança pode "exprimir suas fantasias, jogar com elas gráfica e picturalmente, tendo a cor muitas vezes uma função importante, uma vez que vivifica personagens e objetivos" (MERIDIEU, 1995, p. 78).

A criança começa a rabiscar por volta de um ano e meio de idade, a partir daí, em tudo que encontra pela frente (paredes, portas, móveis, etc.) ela deixa traços fortes. O ato de rabiscar é uma necessidade da criança, lhe dá prazer e exercita sua parte motora. Enquanto rabisca, "a criança evolui, seu corpo

se movimenta e junto com seu traço passa por fases distintas da rabiscação" (MEREDIEU, 1995, p. 25).

Daí a necessidade de o adulto saber, que sendo o desenho uma forma de a criança se entender e entender o outro, seu meio social físico e afetivo, quando reprimida ao desenhar, a criança passa a reprimir também seu meio de expressão. "E isso prejudica seus sentimentos, já que o ato de desenhar lhe proporciona a oportunidade de se desenvolver emocionalmente, e de deixar transparecer o prazer experimentado, enquanto registra suas emoções graficamente" (COSTA, 1996, p. 2).

Galvão (2010) lembra que, ao se refugiar em seu desenho, a criança quer ser ela mesma, sem ter que fazer o que o adulto determina. Além de confirmar isso, Di Leo (1985) acrescenta que quando alguém da família briga com a criança, ela não desenha essa pessoa ou retrata essa pessoa muito feia (no seu entendimento do que é feio), pois está magoada. Por isso, os pais ou responsáveis pela criança que costumam brigar muito com ela, são desenhados como "demônios" ou seres maus, como os personagens de filmes e histórias em quadrinhos. Geralmente, esses personagens são desenhados bem grandes, porque eles impõem autoridade e força (física e moral) coercitiva aos pequenos, para conseguir obediência deles.

Percebe-se que, muitas crianças têm, só no desenho, a liberdade para exteriorizar, "falar" de seus conflitos, comunicar seus pensamentos, opiniões, críticas do seu cotidiano. Por isso, elas não podem ser reprimidas ao desenhar, ao contrário, os pais e/ou responsáveis devem estimular este ato, uma vez que é desenhando que a criança mostra seus sentimentos, desejos, emoções positivas e negativas. Além disso, desenhando a criança se alivia das tensões, descarregar sua agressividade, o seu amor e o seu ódio de uma forma especialmente saudável: sem causar dano a ninguém, de maneira que o resultado não é frustração ou o sentimento de culpa, e isso é muito bom para ela (SALVADOR, 1988). "Nos momentos difíceis da sua vida, a criança evade-se para um mundo imaginário em que ninguém a impedirá de realizar os seus desejos. As manifestações visíveis desta fuga são os sonhos, os contos, os jogos e os desenhos" (SALVADOR, 1988, p. 14).

As relações afetivas da criança com a escola podem ser agradáveis e produtivas, quando a escola vê a criança por inteiro, e não apenas pelo aspecto cognitivo. As atividades artísticas que envolvem o desenho têm a função de tornar esse relacionamento harmonioso e alegre e, consequentemente, mais produtivo (COSTA, 1996).

OBJETIVOS DO ENSINO DE ARTES E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO

De acordo com Silva (2001), Uma noção que vislumbramos na atualidade, e que se encontra ainda fortalecida no passado, é que a educação continua em parâmetros avaliativos ultrapassados. Atentar-se para a díade cognição e arte é debruçar-se sobre as pontuações de Pontes em que, para esta autora, as mudanças na concepção de Educação e de Arte e os estudos no sentido de resgatar esse conhecimento na escola têm colocado a importância das ações cognitivas sobre experiências estéticas e artísticas e a relevância do contato/diálogo com imagens de Arte: "Cultura é conhecimentos; crenças; artes; moral; leis; costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade".

Entretanto para Almeida (1995), Nessa situação, vale lembrar os apontamentos de Pontes em que, para ela, os cursos de formação para professores contribuem para que as linguagens artísticas sejam concebidas apenas como instrumentos, pois em sua maioria não atribuem à Arte o mesmo tratamento que atribuem às demais áreas, isto é, não veem na Arte uma área de conhecimento que possui peculiaridades que poderiam ser o foco das reflexões e articulação de situações de ensino por professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo entendeu-se que o desenho é muito importante como recurso pedagógico porque, dentre outros fatores, quando os educadores (pais/responsáveis/professores/) entendem como a criança desenha, eles conseguem melhor perceber como ocorre o seu desenvolvimento global.

Na medida em que os educadores valorizam o desenho da criança, eles estão sendo sensíveis em sua produção artística, passando a compreender todo o processo de desenvolvimento do grafismo infantil, todo o processo evolutivo de seu desenho e, sobretudo, passam a se interessar pelos procedimentos de intervenção que podem ser elaborados como auxílio. Quando os educadores agem assim, possibilitam à criança sua expressão de pensamento via desenho e isto a deixa mais preparada ao aprendizado da leitura e da escrita, assim como aos demais. Alegam os entendidos no assunto que o ganho na educação é bem maior.

O que sabem sobre as coisas, o que lhes parece mais importante nelas e não o que vêem ou o que fantasiam. Não há uma finalidade artística, e devem ser considerados os limites técnicos e motores da faixa etária. Entre os 3 e os 7 anos de idade, a criança ao desenhar, enumera, realiza relatos gráficos sobre o objeto sem preocupações com uma continuidade de espaço ou tempo. Desenha

o que lhe parece mais característico e permanente no objeto. É mais simbolista do que realista. A realidade é paulatinamente anexada aos desenhos através do acréscimo de detalhes de observação que indicam a vontade de uma representação mais comprometida com o aspecto verdadeiro das coisas (VYGOTSKY, 1982, p. 36).

Infelizmente, nem todos os professores atuais se deram conta disso e precisam, portanto, estudar melhor os PCN's de Arte que explicitam bem isso. Considera-se, então, de extrema importância que os professores – especialmente das séries iniciais – façam uma intervenção pedagógica nesse sentido, promovendo o desenvolvimento do desenho infantil na escola.

Conforme os mais entendidos no assunto infantil, como Piaget, Wallon, Vygotsky, Luquet dentre outros, já estudados neste artigo, é preciso sim dar a devida importância na interferência pedagógica em relação ao desenvolvimento do desenho infantil. Resta aos professores, especialmente os da Educação Infantil ou os do Ensino Fundamental em suas séries iniciais, refletirem sobre o tema e mudarem seus procedimentos pedagógicos, possibilitando um trabalho de maior transformação nas escolas nesse sentido. Eles precisam ver o desenho infantil como fonte de representação das ideias das crianças, respeitando os PCN´s de Artes que tratam disso.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, J. Criatividade na escola e música contemporânea. Cadernos de estudo:

educação musical, n. 1. São Paulo: Atravez, 1990.

BARBIERI, Stella. Interações: onde está a arte na infância? São Paulo: Blucher, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. John Dewey e o ensino da arte no Brasil, 7 ed. São Paulo: cortez, 2010.

BEINEKE, V. Aprendizagem criativa e educação musical: trajetórias de pesquisa e perspectivas educacionais. Educação, Santa Maria, v. 37, n. 1, p. 45-60, jan. /abr. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil /Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010 a.

BUORO, Anamélia Bueno. O Olhar em Construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola, 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CANDAU, Vera Maria. Pluralismo Cultural, Cotidiano Escolar e Formação de Professores. In: VIII Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil. Anais. Florianópolis: UDESC, 1995.

DELALANDE, F. Le condotte musicali. Comportamenti e motivazioni del fare e ascoltare musica. Bologna: Cooperativa Libraria Universitaria, Editrice Bologna, 1993.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DONDIS, D. A. Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro. Rio de Janeiro: Scipione, 2010.

FUSARI, Maria. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Editora Cortez, 1993.

JÚNIOR, João Francisco Duarte. Por que arte- -educação? - 22ª ed.- Campinas, SP : Papirus, 2012.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. A arte e sua influência na sociedade e na cultura. Acesso em

ROSSI, Maria Helena Wagner. Imagens que falam. Porto Alegre: Mediação, 2003.